

Ainda Est

Para Celso Furtado, a moratória já começou no final de junho

por Pedro Cafardo
de São Paulo

Para o professor Celso Furtado, ex-ministro do Planejamento, o Brasil já está em moratória desde fins de junho, quando deixou de pagar os juros de sua dívida externa. Ele participou ontem de almoço da Associação dos Jornalistas de Economia de São Paulo (Ajoesp), em que foi empossada a nova diretoria da entidade.

"Infelizmente, acertei o prognóstico", disse Furtado, ao ser lembrado de que em março deste ano anunciara que somente voltaria ao Brasil em julho, quando, pelas suas previsões, se daria a moratória brasileira. "Agora não saio da Brasil enquanto tudo isso não estiver resolvido. Quero colaborar", afirmou o economista, que é membro do PMDB.

A resolução dos problemas, segundo Celso Furtado, passa necessariamente por um pedido de moratória, muito diferente da situação atual de moratória de fato. O primeiro passo, disse, é recuperar rapidamente a liberdade de ação, pelo rompimento imediato do acordo com o Fundo Monetário Internacional. Em seguida, o País deveria iniciar uma renegociação com os credores a partir de condições unilateralmente definidas, o que Furtado chama de "moratória unilateral".

A moratória unilateral de Furtado atingiria unicamente os credores "não soberanos", ou seja, os bancos. Com os soberanos, que são as outras nações, o Brasil teria obrigação de continuar negociando, por-

que, caso contrário, poderia ser alvo de represálias.

REPRESÁLIAS

O capítulo das represálias, entretanto, não preocupa Furtado: "O Brasil não tem mais acesso nenhum a linhas de crédito comerciais. Os negócios continuam porque aqueles que exportam para o Brasil têm crédito e estão empenhados em continuar presentes no mercado brasileiro". No plano comercial, portanto, Furtado não crê que o Brasil viesse a ter dificuldades maiores do que já está tendo. Nem mesmo no caso das importações de petróleo, porque somente os fornecedores do golfo Pérsico estariam atualmente financiando a venda com 180 dias de prazo. E teriam interesse em continuar financiando, pelas dificuldades que uma interrupção traria para a OPEP. Além disso, acrescentou Furtado, outra parte do petróleo já está assegurada em acordos bilaterais firmados pelo Brasil.

Diante disso, não é provável que uma moratória criasse qualquer clube de inimigos do Brasil para sacudir pedras", disse Furtado. O constrangimento maior, admitiu, viria provavelmente da execução dos passivos das empresas estatais brasileiras no exterior.

Celso Furtado fez duras críticas ao pacote de medidas econômicas baixado na semana passada, principalmente na parte que se refere aos reajustes salariais. "Não conheço na história nenhum caso em que com uma única penada se reduz o nível de vida de dezenas de milhões de pessoas."